

LÍNGUA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: PROCESSOS DE (RE) CATEGORIZAÇÃO NA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DE LAMPIÃO¹

LANGUAGE, HISTORY AND MEMORY: PROCESS (RE) CLASSIFICATION OF RECONSTRUCTION IN MEMORY OF SOCIAL LAMPIÃO

Ozéias Pereira da Conceição Filho²

Resumo: *Este trabalho faz parte duma pesquisa maior, desenvolvida pela Universidade Federal de Sergipe, que tem como título “Linguagem, História e Memória: processos de referenciação em depoimentos sobre Lampião”. Nessa pesquisa, apresentar-se-ão alguns resultados do projeto. O objetivo desse artigo é mostrar como a memória social do cangaceiro Lampião é reconstruída por meio das expressões referenciais e da recategorização, através de depoimentos dados pelos moradores do município de Itabaiana, região centro-oeste de Sergipe. O que poderá ser observado é que, a construção do referente Lampião envolve aspectos não somente de cunho linguístico, mas também elementos sociais, cognitivos e culturais. Será possível perceber também como os depoimentos revelam novas significações para esse fenômeno.*

Palavras-chave: *Recategorização; Expressões Referenciais; Lampião.*

Abstract: *This work is part of a larger research project, developed by Federal University of Sergipe, which is entitled “Language, History and Memory: processes referencin g in statements about Highwayman.” In this research, will be presenting some results of the project. The aim of this paper is to show how the social memory of the bandit Lantern is reconstructed by means of referring expressions and recategorization through statements given by residents of the city of Itabaiana, central-west region of Sergipe. What can be observed is that the construction of related issues Lantern passes beyond the linguistic, because it involves elements of social, cognitive and cultural. You may notice also how the statements reveal new meanings for this phenomenon.*

Keywords: *Reclassification; Referential Expressions; Lampião.*

1 Introdução

O processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) depreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais, que são recursos da língua que manifestam os referentes no cotexto. A referenciação é um tema da Linguística do Texto que se tornou muito

¹ Esta pesquisa faz parte do projeto já concluído intitulado “Linguagem, História e Memória: processos de referenciação em depoimentos sobre Lampião” do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Este artigo foi apresentado e publicado nos anais eletrônicos do V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, São Cristóvão/SE.

² Graduando do Curso de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, Brasil, e-mail: oziest7@hotmail.com

importante dentro dos estudos da linguagem, sob uma perspectiva sociocognitivo e interacional. Esta temática é, sem dúvida, uma via não somente para pesquisas voltadas para o estudo da língua, pois seu espaço de investigação não circunscreve somente dentro da Linguística, tendo em consideração essa mesma investigação que pesquisa aspectos de ordem sócio-histórica e cultural através deste canal linguístico que é a referenciação, mais especificamente, as expressões referenciais e a recategorização. A preocupação dos estudos que tem como a referenciação um canal de pesquisa está voltada para questões cognitivas, sociais, linguísticas que se encontram num cruzamento de informações que ajudam a entender o mundo de uma forma mais interacional, uma vez que o estudo de referentes envolve outras questões que não somente as que envolvem a língua, pois investigar referentes dentro de espaços discursivos é levar em consideração aspectos extralinguísticos que se fundem para a construção e reconstrução de memórias.

Estudiosos, preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem, passam a adotar em suas investigações abordagens sociocognitivas e interacionistas no entendimento da relação entre linguagem e mundo. Os estudos acerca da referenciação têm-se dedicado especialmente a entender o processamento cognitivo, ou seja, como o conhecimento de mundo é ativado para a construção e reconstrução do sentido e como a memória pode influenciar esse processo. A riqueza de dados que essa abordagem trouxe à tona é inegável, além de ter contribuído para discussões epistemológicas sobre a linguagem e sobre métodos linguísticos.

Ao examinar estudos de pesquisadores brasileiros sobre a referenciação, pode-se verificar que pouco se tem explorado neste viés teórico que se situa na interface entre a Sociologia e a Linguística, sobretudo, no que diz respeito às atividades referenciais de sujeitos em relação aos processos de construção e reconstrução da memória social. A consulta a fontes especializadas sobre o fenômeno do cangaço e a articulação entre concepções de linguagem e de memória constituem o alicerce teórico dessa investigação.

As atividades de referenciação, desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa, possibilitam a (re)construção dos acontecimentos passados no presente da memória coletiva (social) de um mesmo grupo (HALBWACHS, 1990). Na memória coletiva (social) estão contidas todas as informações cristalizadas sobre determinados referentes. Os sujeitos, então, se utilizam dessas informações para valer seu discurso. Isso corrobora a postulação de Mondada (2005) de que os sujeitos estão, a todo o momento, imersos em espaços complexos de significação, nos quais desenvolvem atividades sociocognitivas e interacionais. Parte-se, portanto, nesta investigação, do pressuposto de que a referenciação é uma atividade discursiva (KOCH, 2003;

KOCH & MARCUSCHI, 1998; MONDADA & DUBOIS, 2003); do princípio de que os processos referenciais são escolhas do próprio sujeito do discurso em função de um querer dizer (KOCH, 2003); e de que os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas a constroem e a reconstroem interativamente.

Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivo principal mostrar como se constrói e se reconstrói a memória discursiva (e social) do cangaceiro Lampião via o uso de expressões referenciais e da recategorização, mobilizados por cidadãos do município de Itabaiana, localizado na região do centro-oeste do Estado de Sergipe. Dessa forma, esse estudo contribuirá de forma significativa como base teórica para futuras pesquisas que envolvam a história do cangaço no Estado de Sergipe e para outros que se interesse por um levantamento investigativo sobre a historiografia oral sobre Lampião.

2 As expressões referenciais na formação da memória social de Lampião

As expressões referenciais são resultado do processo de elaboração de sentido dentro das atividades comunicativas verbais, elas partem da noção de referenciação, pois os sujeitos à medida que imergem em campos sociocomunicativos necessitam de recursos referenciais para retomarem seus objetos-de-discurso, ou seja, seus referentes, estes por sua vez correspondem a uma instância do texto que equivalem à tradução do que seja a experiência do “real” dos sujeitos do discurso. Nesse sentido é que as expressões referenciais servem como um canal importante entre o sentido que se quer aplicar ao referente e a relação do sujeito com o mundo. Sobre a referenciação e as expressões referenciais, comenta Custódio Filho (2007):

Como se sabe, a referenciação apresenta como um dos postulados básicos a noção de que o referente é uma entidade textual resultante da elaboração da experiência do “real” por parte dos sujeitos discursivos. Assim, as expressões referenciais acionadas em um texto são resultantes de operações sociocognitivas decorridas de atividades de interação verbal (CUSTÓDIO FILHO, 2007, p. 144).

Os sujeitos do discurso se valem das expressões referenciais para um dizer sobre o mundo, elas servem para traduzir o que cognitivamente os sujeitos pensam a respeito das experiências que o cercam, é possível dizer que é com elas que os indivíduos interferem diretamente na construção de uma memória social (coletiva). Como já foi dito, a memória social corresponde ao conjunto de informações que uma comunidade tem a respeito de um(s) determinado(s) referente(s). É interessante observar também que os sujeitos do discurso,

através das expressões referenciais, podem da mesma forma desconstruir o que está cristalizado na memória social sobre um determinado objeto-de-discurso e construir um novo pensar sobre o mesmo.

Assim, as expressões referenciais podem sugerir juízo de valor, opiniões, julgamento, não somente uma retomada referencial, mas uma remissão embargada de uma carga semântica que pode expressar uma mudança argumentativa sobre um determinado referente, ou reforçar um aspecto do referente já cristalizado na memória social. É o que se observa em algumas declarações conseguidas dos sujeitos-informantes dessa pesquisa. Para ilustrar, analisar-se-á a declaração do informante 01 dessa investigação:

- (1) Lampião era um assassino malvado, num tinha essa história de amigo com ele não, tudo era na base do punhal, da malvadeza [...] Quem quiser se pegava com ele, mas não sobrava pedaço de gente pra contar história adepois, o homi era um bicho do cão, de veiz com o diabo. Tem gente que diz que ele só num tinha rabo, o resto era coisa do cão mesmo. E eu acho que era assim desse mesmo jeitinho mesmo, essas inventação de falar, que o povo fala, de dizer que ele era meio bom, porque disse que ajudava os pobre, êta mintira feia! O homi era o cão na terra, e ainda tem gente doida pra dizer que ele era bom [...] Quem já se viu matar um pobzinho dum anjo, porque ele até matou uma criancinha, e ser bom? Não, não, ele era mesmo era um cabra do demônio!

Nessa ilustração, é interessante notar como elementos reforçadores de uma opinião coletiva e já cristalizada sobre Lampião, a de que ele era um homem malvado, aparece no discurso do informante. Ao mesmo tempo em que ele extrai da memória social alguns dados (“assassino malvado”, morte de “um pobzinho dum anjo”), o informante emite sua opinião sobre o referente (considerando-o “bicho do cão”, “cão na terra”, “cabra do demônio”) ao passo em que justifica sua opinião por meio desses mesmos dados que estão na memória coletiva (“assassino malvado”, morte de “um pobzinho dum anjo”). Além de reforçar dados já cristalizados, o sujeito da pesquisa atribui adjetivações semelhantes ou condizentes com as informações já contidas na memória social do referente Lampião, mas que são próprias de seu parecer pessoal sobre o assunto.

Às expressões referenciais se atribui um caráter muito importante para o processamento textual que, dentro da concepção de linguagem como atividade interacional, deve ser entendido, segundo postula Koch (2001), como uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociocognitivos. Para ela, o texto, no interior dessa abordagem, é também considerado como um conjunto de “pistas” que são formadas por elementos linguísticos de diversos tipos. Estes são colocados à disposição dos usuários da língua, durante uma atividade discursiva, de modo a facilitar ao falante não só a construção e

reconstrução de sentidos, mas também na interação como prática sociocultural. No curso dessa atividade textual, os sujeitos mobilizam conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional, que os tem depositado na memória através de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual.

Dessa forma, quando os sujeitos do discurso lançam mão das expressões referenciais como recurso textual, ao mesmo tempo em que eles estão emersos em seus próprios textos reproduzindo conhecimentos linguísticos, estão também interagindo sócio culturalmente, à medida que as informações necessárias para a construção de seu discurso partem também de um universo extralinguístico. Esse último conhecimento, que também pode ser entendido como conhecimento de mundo se funde com o linguístico, o enciclopédico, para gerar o sentido específico que cada sujeito do discurso tem a respeito de determinados referentes. No caso explicitado pelo exemplo do informante (01) o que se pode observar é que o conhecimento dele a respeito de Lampião é tanto produzido linguisticamente como sócio culturalmente, uma vez que ele traz sua experiência de mundo para o espaço textual e, nessa experiência de mundo, estão os elementos que também estão circunscritos na língua: elementos culturais e sociais a respeito do referente, objeto de discurso. Todos esses elementos, apesar de se circunscreverem também na língua, são ao mesmo tempo extralinguísticos.

As significações encontradas pelos sujeitos do discurso para os referentes fazem parte da própria construção desses objetos de discurso dentro do espaço textual, que representam a versão da realidade desses indivíduos, captada pela sua relação com o mundo. O processo de construção de referentes implica que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.

3 O papel da recategorização na reconstrução de sentidos da memória social de Lampião

Para entender o fenômeno da recategorização, primeiro é necessário que se compreenda o que é categorizar, pois este pressupõe aquele, e, nesse aspecto, a relação entre categorização e recategorização é intrínseca. Segundo o dicionário Houaiss, categorizar pode significar: dispor em categorias, classificar. Assim sendo, a atividade discursiva qualifica os referentes de modo a enquadrá-los em determinada posição semântica que melhor corresponda ao pensar do sujeito do discurso, dito de outra maneira, os referentes são postos

em blocos classificatórios por esses sujeitos, onde essa classificação depende da relação do sujeito com seu(s) referente(s), e da relação do sujeito com a memória social, com a cultura.

Dessa maneira, para Mondada e Dubois (2003), a categorização de referentes representa o resultado de atividades práticas que compreendam discussões, controvérsias, desacordos. Essas categorias estão situadas nas práticas sociais, que para as autoras citadas, são “práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo” (2003, p.29).

Desse modo, para as autoras há uma relação instável entre as coisas e as palavras. E essa inconstância se deve à compreensão intersubjetiva das atividades cognitivas. Fazer tal afirmação é dizer que a instabilidade das categorizações das coisas está ligada às volubilidades semânticas produzidas pelos sujeitos do discurso. Destarte, os objetos de discurso emergem, então, de práticas simbólicas que tendem a andar em cadeias categóricas oscilantes. A categorização funciona, dessa maneira, de acordo com as intenções do interlocutor.

Segundo Marcuschi (2005), as coisas não estão no mundo como as dizemos aos outros, a maneira como são ditas as coisas “é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos” (MARCUSCHI, 2005, p. 52). Para entender melhor o que já foi dito, observe a declaração do informante (02):

Lampião era um homem cruel. Isso é o que dizem a respeito dele. Eu, particularmente, acredito também numa outra face de Lampião: que ele, além de ser essa pessoa cruel, era também um sujeito bom, leal aos seus companheiros [...] O que temos que analisar é que Lampião também foi vítima de um sistema social opressor, seus atos se tornou a voz do povo que estava cansado de serem explorados pelos grandes fazendeiros, os ditos latifundiários [...] Se por um lado ele usava a faca para matar, por outro era o Robin Wood para os pobres, era um benfeitor, um amigo para os que precisavam de segurança contra aqueles que supostamente teriam que garantir proteção, que era a própria polícia, os macacos, assim chamados pelo bando de Lampião.

É fácil identificar nesse depoimento do informante alguns elementos recategorizadores do referente Lampião, assim como também é sem esforço que se percebe a relação intrínseca entre a categorização e a recategorização. O informante inicia seu discurso inserindo seu objeto (“Lampião era um homem cruel”), e ao trazer Lampião para o seu espaço discursivo ele também traz atrelado ao referente uma categorização já cristalizada sobre ele (“... era um homem cruel”), para depois desconstruí-la, configurá-la ao seu modo, utilizando-se do

processo de recategorização para emitir um juízo de valor distinto da primeira informação lançada por ele, e que está na memória coletiva da comunidade em que está inserido.

A recategorização se dá quando o depoente reconstrói o referente Lampião atribuindo-lhe novos atributos que não são comuns dentro da memória social (“sujeito bom”, “vítima”, “Robin Wood”, “benfeitor”, “amigo”). Essas recategorizações não são somente uma nova predicação que é dada ao objeto de discurso. Elas também circunscrevem uma argumentação do informante, pois quando adjetiva Lampião com os termos já mostrados, ele justifica seu ponto de vista com outros elementos que pretende convencer o interlocutor de que realmente sua opinião é válida, criteriosa, como por exemplo, ele justifica os atos do referente dizendo que esse também foi “vítima de um sistema social opressor”, ou quando afirma que Lampião servia de segurança para as pessoas desprovidas dessa condição. Nesse sentido, sua opinião é deconstruidora de um juízo de valor negativo para afirmar na memória social um valor positivo, um valor novo, entendido sob outros olhares, de acordo com o entendimento social, enciclopédico do informante sobre o referente. A recategorização surge de um dizer que discorda do discurso vigente sobre Lampião, a situação de desacordo é uma premissa para a construção de novos sentidos, ao mesmo tempo em que para fixar um novo significado o informante teve que negociar sua opinião, justificando-se, argumentando, convencendo.

Para Lima (2007), a categorização “é o meio utilizado para dar sentido à experiência” (2007, p. 75). A percepção do mundo que perpassa a experiência serve de partida para que os sujeitos do discurso disponham em categorias os seus referentes. Nominalizar a experiência com a categorização é uma prática cognitiva que também pode dizer de como o sujeito se coloca perante o mundo e de que forma essa relação (sujeito-mundo) se apresenta. Ainda para essa autora:

A habilidade de categorização permite ao indivíduo ordenar o seu meio ambiente, tratando como equivalentes estímulos diferentes, mas que mantêm relações entre si. Em outros termos, permite que o indivíduo interaja significativamente com um número diverso e infinito de situações e objetos a ele expostos. A inexistência dessa habilidade tornaria a vida um caos, uma vez que não se poderia aplicar o conhecimento aprendido para lidar com novas situações (LIMA, 2007, p. 75).

A capacidade de categorização torna o discurso um palco onde a relação dos conhecimentos do sujeito se traduz de maneira ordenada, de modo que vários objetos de discurso podem aparecer sem causar nenhuma interferência um ao outro. Entendido o conceito de categorização é sem dificuldade que se dá a compreensão do que é

recategorização. Esta apresenta ao texto progressões linguístico-cognitivas, assim como também o faz a categorização.

A recategorização aparece na negociação discursiva que o interlocutor faz com seu ouvinte, na intenção de tornar seu objeto de discurso compreendido, aceito cognitivamente e socialmente pelo outro. Por isso que as recategorizações aparecem como formas argumentativas nas expressões referenciais, pois fazem parte da negociação de sentidos, da aceitação pelo outro de que o dizer do interlocutor sobre determinado referente é válido, é comportado de relevâncias.

4 Considerações finais

É possível observar, até o momento da pesquisa, que os depoimentos dos sujeitos revelam uma série de informações sobre a identidade cultural de Lampião dentro do Município de Itabaiana. Mostram também que essa identidade é perpassada por um fio multifacetário, que divide o referente em significações que divergem ou encontram sua correspondência na memória social da comunidade. O objeto de discurso Lampião se apresenta ao interlocutor como uma figura de complexo sentido, mergulhado em antagonismos, em predicções que tanto tangenciam o herói como também o bandido, uma figura emblemática.

Os relatos mostram que, ainda hoje, nas práticas enunciativas, os falantes constroem e reconstroem todo um discurso sobre ações, atitudes, que envolveram e ainda envolvem a figura do rei do cangaço na comunidade investigada. A investigação mostra, até agora, que as expressões referenciais além de desempenharem uma série de funções cognitivo-discursivas relevantes na (re)construção discursiva do cangaceiro, possibilitam uma função condensadora ao operarem uma recategorização ou refocalização desse mito. Nesse sentido, pode-se chegar à conclusão que a memória desempenha um papel muito importante na construção de imagens do cangaceiro, ao mesmo tempo em que é a memória a responsável pelos novos dizeres e o reforço dos velhos dizeres sobre o referente Lampião. Foi possível também, a partir do exposto, detectar que os pontos de encontro entre os depoimentos são a principal premissa de cristalização dos dados que vão para a memória coletiva e que servirão de base discursiva para os usuários da língua da comunidade.

Referências

CUSTÓDIO FILHO, V. Expressões referenciais, norma lingüística e julgamento de (in)adequação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). **Texto e Discurso sob múltiplos olhares** – referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 144-173.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitiva-discursiva e interacional. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 41, p. 75-89, jul/dez. 2001.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, n. 14, p. 169-90, 1998.

LIMA, S. M. C. de. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e Discurso sob múltiplos olhares** – referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 75-104.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Org.) **Lingüística e cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 49-77.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

_____; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

Data de recebimento: 30 de abril de 2012.

Data de aceite: 04 de junho de 2012.